

Visitações – Três poemas

Amélia Loureiro¹

1.

Os desenhos são a escrita fina
do rastro das nuvens
em um dia bastante nublado,
quando o ar circula baixo e denso,
com propensão a estagnar em
vero cinza, se isso for possível.

O desenho aparece como
a formulação teórica mais avançada
num território onde o interno
extravasa ondulante o ritmo da rua,
e nada fica onde estava antes
do ar em forma de ventania
circular e rodopiar as esquinas,
ruelas apropriadas pelos particulares
neste fim de mundo mercado.

O desenho não exemplifica,
mas é o próprio assunto vivente
quando se permite ao pensamento
o enlace com o corporal. As entranhas
viralizam minúcias articulares
o pulso em revolta performance
do agora.

O desenho sai do perímetro causa-
efeito e joga para os olhos mais
de perto a surpresa sem palavras.

¹ Poeta e performance designer na Banda-de-Poesia (coletivo cênico-musical). É autora do livro *Meninínima*, publicado pela Editora Córrego, SP, 2016.

2.

A infância.

Animal Monstro Anjo

[trêmula luz da manhã

sem homens.

Sem mulheres. Rosa.

Orvalho.]

O degredo

[futuro intercepta agora]

A destituição

O provisório

O impositivo

[As têmeoras grisalhas

e o balbuciar enquanto

se escreve. Pele fina.]

A inconsistência –

habitar o plano físico – densa.

Uma pergunta

avoluma o mundo.

O mundo

é

a pergunta.

E o saber denigre.

A carne

macia das pessoas erráticas

A visão

maior que toda a família reunida

Espera
em perdão

contínuo (criança).

3.

A VISITA

Still in place. A canção entra.

Os joelhos nos ouvidos. VENDO.

TRATAR AQUI. A frente

deita-se nas próprias palmas.

Joelhos bicam o piso. Agora a testa.

Ouvem o ventre. (Guizo?)

A espera de olhos cerrados.

(Em que momento serraram?)

Pode ser muito, e perpassa.

Soa. O desenho de uma porta se abre.

(Um riso seria de mais alguém?)

Do outro lado.

O lápis e o caderno. (Onde?)

SEM ATRAVESSADORES.